

A saúde na era da testemunha: experiência e evidência na defesa da hidroxiclороquina

Health in the witness age: experience and evidence in the hydroxychloroquine's defense

IGOR SACRAMENTO¹

ALLAN SANTOS²

ROBERTO ABIB³

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Resumo

Neste artigo, investigamos os argumentos mobilizados por Jair Bolsonaro na defesa da hidroxiclороquina no contexto brasileiro da pandemia de COVID-19. Para tal, analisamos 32 postagens publicadas na página oficial do presidente no Facebook, entre 26 de fevereiro e 25 de julho de 2020, assim como enunciados da médica Nise Yamaguchi e do médico Roberto Kalil, acionados como exemplos pela retórica bolsonarista. Observamos que, para além dos argumentos credenciadores e legitimadores apresentados por Ivo Dittrich (2009), Bolsonaro valoriza ainda mais a experiência vivida como forma de argumentação ética.

Palavras-chave: Saúde; testemunha; experiência; ethos; hidroxiclороquina.

Abstract

In this article, we investigate the arguments mobilized by Jair Bolsonaro in defense of hydroxychloroquine in the Brazilian context of the COVID-19 pandemic. To this end, we analyzed 32 posts published on the president's official page on Facebook, between February 26 and July 25, 2020, as well as statements by physician Nise Yamaguchi and Roberto Kalil triggered as examples by the Bolsonarist rhetoric. We observed that, in addition to the credentialing and legitimating arguments presented by Ivo Dittrich (2009), Bolsonaro values even more the experience as a form of ethical argumentation.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fiocruz. Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Líder do Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (Nechs - Fiocruz/UFRJ). Email: igorsacramento@gmail.com

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) e pesquisador integrante do Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (NECHS - --Fiocruz/UFRJ). Email: allansantos29ny@gmail.com

³ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) e pesquisador integrante do Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (NECHS - --Fiocruz/UFRJ). Email: comunicacaoabib@gmail.com

Keywords: Health; witness; experience; ethos; hydroxychloroquine.

1. Introdução

Embara sucessivos estudos científicos tenham avaliado negativamente a eficácia e a segurança do uso da (hidroxi)cloroquina no tratamento da COVID-19, desde a confirmação do primeiro caso de adoecimento pela infecção do novo coronavírus no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020, Bolsonaro, por meio de inúmeras lives no Facebook, pronunciados oficiais e entrevistas, que alguns estão sendo citados ao longo do texto, vem defendendo publicamente o uso do fármaco a partir da manifestação dos sintomas iniciais da doença.⁴ Desta forma, nem as evidências científicas nem o embate com dois ex-ministros da saúde, Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, ambos médicos, impediram que o Ministério da Saúde divulgasse, em 20 de maio, o protocolo que viria a orientar a rede pública de saúde na ampliação do acesso de pacientes de COVID-19 ao tratamento precoce com os medicamentos em questão.⁵ Na ocasião, Bolsonaro reiterou seu argumento retórico ao postar no Facebook que “[a]inda não existe comprovação científica, mas [o uso da medicação está] sendo monitorada e usada no Brasil e no mundo. Contudo, estamos em guerra: ‘Pior do que ser derrotado é a vergonha de não ter lutado.’”⁶ Diante da aparente incapacidade do método científico de apresentar as evidências que desejava, o presidente brasileiro apresentou relatos de experiências pessoais como modos de produção do saber: “Hoje teremos novo protocolo sobre a cloroquina pelo Ministério da Saúde. Uma esperança, como relatado por muitos que a usaram. Que Deus abençoe o Brasil”⁷.

⁴ Dentre eles, o publicado pela American College of Cardiology em 29 de março (<https://bit.ly/3eYiBao>), o CloroCovid-19 anunciado em 20 de abril (<https://bit.ly/3fRHBRN>), assim como as pesquisas divulgadas no New England Journal of Medicine de 07 de maio (<https://bit.ly/2ZOLwJm>), no Journal of the American Medical Association de 11 de maio (<https://bit.ly/3juC3im>) e no British Medical Journal em 15 de maio (<https://bit.ly/2CGNqmy>). O estudo publicado pela The Lancet, em 22 de maio - motivando a OMS a suspender a hidroxicloroquina nas pesquisas que coordenava com cientistas de 100 países pela iniciativa global batizada de “Solidariedade” -, foi retratado e retirado de circulação por seus autores após a identificação de problemas em sua base de dados (<https://bit.ly/2CIWtn3>).

⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2ZRg6SJ>. Acesso em: 23 de julho de 2020.

⁶ <https://www.facebook.com/211857482296579/posts/1933606696788307/>

⁷ <https://www.facebook.com/211857482296579/posts/1933052830177027/>

Num cenário de pós-verdade, a legitimidade sobre o discurso verdadeiro está se deslocando da autoridade experimental, baseada no experimento científico e seus princípios e rigores teórico-metodológicos, para uma autoridade experiencial, sedimentada na experiência pessoal sobre as coisas do mundo como a verdade em si mesma. Embora as raízes dessa crise epistêmica sejam visíveis, por exemplo, no movimento antivacina e na negação das mudanças climáticas (cf., por exemplo, DE OLIVEIRA, 2020), a COVID-19 pode ser nossa primeira pandemia da era pós-verdade.

No entanto, a pós-verdade de hoje, como a reação à COVID-19 ilustra vividamente, também vem de baixo para cima. Não é só que as pessoas desesperadas se agarram a rumores, como a alegação de que soprar um secador de cabelo no nariz pode aliviar os sintomas da COVID-19; é também que o ambiente atual fomenta a sensação de que os indivíduos não precisam dar mais crédito a informações baseadas nas evidências científicas disponíveis do que a tudo o que parece útil ou parece certo. Pior ainda é a percepção de que não existe uma *verdade objetiva* (de fatos que podem ser verificados e analisados com base no método científico) e, portanto, não há necessidade de procurá-la ou testar as afirmações contra ela. Em vez disso, a verdade parece ser passageira e pessoal; as afirmações são mais ou menos persuasivas baseadas não no acúmulo de ciência rigorosa ou na perícia do orador, mas na crença do enunciatório.

No contexto da pandemia de Covid-19, diante da aparente incapacidade do método científico de apresentar as evidências que desejava, o presidente brasileiro mobilizou relatos de experiências pessoais como modos de produção do saber: "Hoje teremos novo protocolo sobre a cloroquina pelo Ministério da Saúde. Uma esperança, como relatado por muitos que a usaram. Que Deus abençoe o Brasil"⁸. Longe de simplesmente negar a ciência, a retórica bolsonarista ao mesmo tempo que acena para o reconhecimento das credenciais e da legitimidade dos atores e das formas de produção de conhecimento historicamente mediadas pelos procedimentos científicos, elege os testemunhos do próprio presidente curado da COVID-19, assim como de médicos e pacientes que também experienciaram a doença, como

⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3mowgw2>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

autoridades de uma ordem superior na disputa pela verdade em torno do uso da (hidroxi)cloroquina.

Num determinado regime epistemológico contemporâneo, marcado pela noção e pela prática da pós-verdade, o produtor do conhecimento não é necessariamente o cientista que estabelece com o objeto uma relação de distanciamento metodológico, mas a testemunha que adquire autoridade ao vivenciar a realidade com o próprio corpo ou observar a experiência alheia: "uma autoridade que, em última instância, repousa na dupla presença do corpo: o corpo lá, na cena original dos eventos, e aqui, no momento da narrativa" (OLIVEIRA, 2020, p. 82). Afinal, o narrador passa a ser "digno de fé e confiança por ter vivido aquilo que narra" (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2020, p.11).

Nesse sentido, o que nos interessa observar aqui é o lugar do testemunho na definição de verdade em sua relação com a política. Para analisarmos os argumentos a partir dos quais a retórica bolsonarista é articulada nas disputas travadas pelo presidente a favor do uso da hidroxicloroquina no tratamento da COVID-19, mapeamos e analisamos um conjunto de 32 postagens no Facebook de Jair Bolsonaro. Desconsideramos as lives semanais, entrevistas coletivas e pronunciamentos públicos relacionados ao medicamento em questão, publicados por ele em seu perfil nessa rede social entre o período de 26 de fevereiro de 2020 (primeiro caso de COVID-19 confirmado no Brasil⁹) e 25 de julho do mesmo ano (quando o presidente apresenta resultado negativo no quarto exame realizado desde que contraiu a doença em 07 de julho do mesmo ano¹⁰).

A partir de investigações iniciais no material coletado, observamos que os testemunhos do cardiologista Dr. Roberto Kalil Filho¹¹ e da infectologista Dra. Nise Yamaguchi¹² foram mobilizados pela argumentação retórica articulada pelo presidente para que as experiências relatadas por médicos e pacientes curados do novo coronavírus fossem sobrepostas à ciência na produção da verdade em torno da hidroxicloroquina. Assim sendo, para além

⁹ Disponível em: <https://bit.ly/39u0HuY>. Acesso em: 23 de julho de 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/33yJ1LY>. Acesso em: 11 de setembro de 2020.

¹¹ Disponível em: <https://bit.ly/2ZH7zRY>. Acesso em: 23 de julho de 2020.

¹² Disponível em: <https://bit.ly/3izPLj6>. Acesso em: 23 de julho de 2020.

do relato do presidente sobre o seu processo de adoecimento e cura pelo medicamento, a nossa análise também considerará os enunciados desses dois atores, a médica Nise Yamaguchi e o médico Roberto Kalil, que foram acionados como exemplos pelo presidente para legitimar o uso da droga. A escolha das entrevistas analisadas considerou os argumentos, tanto credenciais e legitimadores quanto, principalmente, experienciais, usadas pelos médicos na defesa do seu ponto de vista a favor do uso da hidroxicloroquina no tratamento da COVID-19. Detalhes da metodologia de análise serão informados logo a seguir, antes de passarmos à análise.

2. Experiência, evidência e argumentação: uma proposta teórico-metodológica

Embora saibamos que o sistema retórico, desde Aristóteles, seja composto do *ethos* (conjunto de elementos, hábitos, valores e ações mobilizados pelo orador para reforçar a sua credibilidade e legitimidade para dizer o que diz perante um público), do *logos* (os tipos de argumentação e demonstração, bem como os meios e técnicas de seleção, organização e articulação das palavras em enunciados) e do *pathos* (as formas de mobilização de emoções e paixões nos enunciatários de modo a fazerem aderir ao discurso proferido), neste texto, nos concentraremos especificamente no *ethos*. A principal justificativa para tal escolha está no fato, como já colocamos anteriormente, de a defesa da hidroxicloroquina no contexto brasileiro da pandemia de COVID-19 ser embasada em argumentos fundamentalmente associados ao enunciador e suas credenciais, legitimidades e experiências.

Para tanto, estamos baseando a nossa análise na metodologia criada por Ivo Dittrich (2009), que, ampliando a noção de *ethos*, para muito além da "imagem de si no discurso" (AMOSSY, 2008), reconhece que o *ethos* se refere às partes no enunciado que "apresentavam argumentos para dizer em que medida o seu conteúdo, aquela ação prevista no sentido e no alcance da tese, mostrava-se adequada sob o ponto de vista jurídico e sociocultural" (DITTRICH, 2009, p.66). O *ethos* também se refere ao respaldo de autoridade

do proponente de uma tese e sua correspondência com os princípios e valores morais em jogo num determinado contexto. Ou seja, o princípio de eficácia retórica das palavras não está em sua “substância propriamente linguística” (BOURDIEU, 1982, p.105), mas numa relação comunicativa concreta na qual se pode fazer crer envolve trocas simbólicas que validam o discurso de alguém como de autoridade em relação a quem considerada tese e autor legítimos. A confiança naquele que enuncia precisa ser, antes, legitimada por um determinado grupo ou campo social que se colocará como enunciatário.

Em termos de operacionalizar uma análise de discurso das provas éticas, Dittrich (2009) apresenta duas formas de argumentos. Os argumentos legitimadores envolvem “noções de caráter ético inscritas no conteúdo proposicional da tese” (DITTRICH, 2009, p.66), cujo alcance não se daria somente pela confiança no proponente, mas na legitimidade da proposta em relação aos valores morais que ataca ou preserva. Sendo assim, a preocupação do enunciador está dirigida “aos valores que estão em jogo, apresentando argumentos que busquem justificar por que a tese, ou sua aceitação, mantém-se consonante ao que se apresenta caro à sociedade que pretende conquistar” (DITTRICH, 2009, p.72). Já os argumentos credenciadores correspondem às “justificativas apresentadas (ou representadas) pelo proponente a fim de mostrar-se merecedor da confiança de seu auditório” (DITTRICH, 2009, p.70). Essa confiança é colocada com base nas credenciais que o proponente de uma tese reúne. Em muitos casos, essa confiança pode estar ancorada na representação institucional presumida do enunciador (atuar como médico, como presidente da República, como professor e assim por diante), mas também pode se embasar na representação que se constrói no próprio discurso - o *ethos discursivo* ou *ethos dito*. As credenciais que conformam um enunciador como digno de confiança são mobilizadas para valorizar o enunciador não só apenas em relação ao capital cultural e científico do enunciador, mas também a tudo aquilo que não fere os valores considerados fundamentais para o enunciatário.

Buscamos fazer, a partir de agora, uma contribuição ao protocolo analítico de Dittrich (2009). Consideramos ser necessário incluir uma nova

forma de argumentação ética: os argumentos experienciais. A experiência, para além da evidência, assumiu, em nossa sociedade, um lugar privilegiado de reconhecimento do valor de verdade. Sob o peso da importância dada à política de identidade e a noção de lugar de fala, mas anteriormente ao testemunho como índice da verdade (SARLO, 2005) ou como a verdade apresentada (OLIVEIRA, 2020), agora parecemos, como sociedade, felizes em levar a sério as afirmações de que “eu posso ter minha verdade” e “você pode ter a sua” (FUKUYAMA, 2018). Dizendo em nossas palavras, entendemos que essa epistemologia do ponto de vista e a difusão implicada da noção de experiência vivida apresentam a verdade como algo que é apenas subjetivo (minha verdade, sua verdade) ou intersubjetivo (nossa verdade), mas nunca “a” verdade (verdade objetiva). Aliás, parece que essa “minha”, “sua” ou “nossa” verdade busca ser uma noção vicária à de verdade objetiva. Sendo assim, sem o conceito de verdade objetiva como um padrão contra o qual sustentar afirmações subjetivas e intersubjetivas de posse da verdade, então todas as afirmações de verdade podem ser tomadas pelo valor da experiência vivida, considerando cada vez menos a mediação e a autoridade do conhecimento científico.

É cada vez mais difundida a falta de compromisso com a verdade objetiva em prol dessa epistemologia do ponto de vista ou de uma alegada liberdade de opinião que pode inclusive negar qualquer consenso ou fundamento científico da existência. Assim, por exemplo, a terra pode não ser redonda, e sim plana. A ideia de perspectivismo pode facilmente derivar para um relativismo absoluto, onde cada perspectiva tem sua verdade, em vez de funcionar como uma perspectiva, entre muitas outras, sobre a verdade objetiva. Mas o problema contemporâneo não é somente a articulação do espaço para raciocinar por si mesmo contra fontes de conhecimento que seriam consideradas, mas também o tipo de autoritarismo - parte de um projeto político - que sustenta a rejeição do conceito de verdade objetiva ou do próprio conhecimento científico. Como Hannah Arendt (2000 [1949], p.526) coloca, “o súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe diferença entre o

fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento)".

Embora a democracia seja um princípio político que deva ser defendido, existe uma tensão entre essa forma de governo e a democratização da epistemologia do ponto de vista. Nesse contexto, desenrola-se um *ethos testemunhal* que visa capacitar falas públicas ao status de verdadeiras por narrarem uma experiência pessoal: o referente da realidade narrada é a própria experiência pretérita do acontecimento daquele que narra (SACRAMENTO e BORGES, 2017). Se o *ethos* designa um procedimento discursivo de produção de confiança no que se enuncia pela imagem construída de quem enuncia na e pela situação enunciativa, nesse contexto, o que vemos é que a legitimação da confiança dos enunciadores está na própria experiência: é referenciada pela experiência pessoal como fala pública. O enunciador vive aquilo de que fala: é o narrador, a fonte e o referente do relato de sua experiência. Os argumentos experienciais, em síntese, se relacionam com esse movimento de autorizar ou autenticar a fala do enunciador pela sua experiência vivida. Emerge um novo regime epistemológico fundamentado no testemunho: o testemunho, na contemporaneidade, parece estar substituindo o método científico de verificação e a verdade. A experiência como lugar da verdade tomou, inegavelmente, um lugar central.

No que tange especificamente à produção e circulação dos discursos negacionistas no contexto brasileiro da pandemia de COVID-19, observamos um fenômeno que excede à mera negação do conhecimento mediado pelos procedimentos científicos. Ainda segundo Oliveira (2020), longe de simplesmente negar a ciência, as lideranças conservadoras brasileiras - sob influência direta do olavismo - rejeitam as formas de produção de conhecimento historicamente consolidadas para eleger as suas experiências e necessidades como os produtores da *verdadeira* ciência.¹³ Como todos os

¹³ Olavo de Carvalho, que se autoproclama filósofo, é astrólogo, escritor, professor e influenciador digital, que se tornou o ideólogo principal da corrente nacional ultraconservadora que se organizou em torno da ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República e tem sido fundamental na manutenção de seu governo. Embora sem base e comprovação científicas, suas opiniões, que vão desde a filosofia aristotélica às relações internacionais, passando pela vacinação, contam com um número enorme de seguidores e

procedimentos científicos já estariam corrompidos *a priori*, “a observação direta, através da qual o pensador livre experimenta com o próprio corpo a realidade, sem ser condicionado por qualquer mediação metodológica, [parece ser] a única forma possível de conhecimento verdadeiro” (OLIVEIRA, 2020, p. 84). O conhecimento do verdadeiro, nesse contexto, passa do método filosófico-científico ao vigor do “saber construído a partir da vivência e do testemunho” (OLIVEIRA, 2020, p. 82).

Finalmente, na era da testemunha contemporânea, de acordo com Wieviorka (1998), o testemunho é um verdadeiro imperativo social que se coloca como uma necessidade interior. Como já observado em outro trabalho (SACRAMENTO, 2018), o testemunho, como narrativa autobiográfica dominante, estabelece outro tipo de relação com a verdade, que não é com a evidência ou a pretensa objetividade do conhecimento científico, mas baseada em valores como sinceridade e autenticidade. Ou melhor, a evidência é a garantia da existência real do relatado pela narrativa da experiência vivida. Trata-se de um deslocamento da referencialidade na objetividade para a subjetividade. A promessa da autenticidade de quem conta está na performance, nas estratégias enunciativas (no clima de intimidade, na busca de proximidade, na revelação de detalhes da vida pessoal, na exposição de emoções e de opiniões). Afinal, quem diz “isso aconteceu comigo” coloca o corpo no discurso, oferecendo ao público uma prova viva: a prova é a própria vida, a própria experiência vivida.

O que buscamos, em termos analíticos, a partir das próximas seções, é observar como o presidente Jair Bolsonaro, e os médicos Roberto Kalil e Nise Yamaguchi, articularam e se valeram de argumentos credenciais, legitimadores e experienciais para defenderem o uso da hidroxiclороquina.

3. Bolsonaro: o testemunho de um corpo curado pela hidroxiclороquina

Desde o início da pandemia de COVID-19 no Brasil, Jair Bolsonaro tem mobilizado argumentos credenciadores e legitimadores para a promoção da

discípulos, como os mesmos se denominam. Carvalho alega repetidamente que suas ideias não são reconhecidas no campo científico, por conta de perseguição ideológica, visto que a universidade brasileira, segundo ele, estaria dominada e controlada por aquilo que denomina como “marxismo cultural”. Mais informações, podem ser encontrados no trabalho de Oliveira (2020).

cloroquina e da hidroxicloroquina como potenciais soluções para os questionamentos, ansiedades e medos da população. Desta forma, na primeira postagem sobre o medicamento em sua página oficial do Facebook, em 21 de março de 2020, publicou um vídeo informando que “[a]gora pouco os profissionais do Hospital Albert Einstein me informaram que iniciaram o protocolo de pesquisa para avaliar a eficácia da cloroquina”¹⁴. A notícia da “possível cura dos pacientes de COVID-19”¹⁵ veiculada por aquele que detém as credenciais de presidente da República goza de certos privilégios e comporta presunções de verdade inerentes ao cargo ocupado.

Na condição de detentor também das credenciais de Comandante Supremo das Forças Armadas, no mesmo vídeo em questão, Bolsonaro também anunciou a decisão tomada juntamente ao Ministro da Defesa de ampliar a produção do medicamento pelo laboratório químico e farmacêutico do Exército. Ainda no mesmo dia, publicou uma segunda postagem na qual assegurou à população que “[i]sso se chama precaução. O medicamento é barato e caso venha a ser comprovada a eficácia no combate à COVID-19, estaremos preparados para atender a todos os brasileiros rapidamente”, reiterando que “ainda que os testes do medicamento apresentem ineficácia no tratamento específico ao coronavírus, ele já é comprovadamente eficaz no combate a outros tipos de doença como a malária, constando, inclusive, no guia de vigilância epidemiológica atualizado”. Finalmente, com o respaldo que as credenciais lhe conferem, justifica o investimento na promoção da hidroxicloroquina como o cumprimento da responsabilidade que o cargo lhe impõe com a saúde do corpo social: “Enquanto uns seguem buscando o caos, seguimos buscando soluções para proteger a nossa nação”¹⁶.

As credenciais que respaldam Jair Bolsonaro como digno da confiança popular têm sido estrategicamente articuladas como provas retóricas,

¹⁴ Disponível em: <https://bit.ly/2RvwB1W>. Acesso em: 23 de julho de 2020.

¹⁵ Observamos que, pouco mais de quatro meses depois da publicação do presidente, em 23 de julho, a pesquisa conduzida pela coalizão liderada pelos principais hospitais brasileiros - Albert Einstein, HCor, Sírio-Libanês, Moinhos de Vento, Oswaldo Cruz e Beneficência Portuguesa, assim como pelo Brazilian Clinical Research Institute (BCRI) e pela Rede Brasileira de Pesquisa em Terapia Intensiva (BRICNet) - anunciou que “entre os pacientes hospitalizados com COVID-19 leve a moderada, o uso de hidroxicloroquina, isoladamente ou com azitromicina, não melhorou o estado clínico em 15 dias em comparação com o tratamento padrão”. Disponível em: <https://bit.ly/3klB83n>. Acesso em: 28 de julho de 2020.

¹⁶ Disponível em: <https://bit.ly/3mlTzXs>. Acesso em: 10 de setembro de 2020.

produzindo a crença na eficácia da hidroxicloroquina como extensão da crença que o povo tem no chefe da nação. Desta forma, o presidente brasileiro insiste que é o dever do cargo que ocupa encontrar uma solução rápida para a pandemia de COVID-19 e, mesmo sem evidências científicas seguras, defende publicamente que os medicamentos em questão podem salvar muitas vidas em uso profilático, para evitar a infecção, e terapêutico, para o tratamento da infecção em casos brandos ou graves de manifestações da doença. O que os argumentos credenciais acionados por Bolsonaro sugerem é que o uso da droga no tratamento do novo coronavírus traria paz, segurança e saúde para a população brasileira e, portanto, ajudaria a superar a crise econômica e sanitária colocadas pela pandemia.

O conjunto de elementos, falas e ações mobilizados por Bolsonaro como provas retóricas de sua cruzada política pelo uso da hidroxicloroquina também passa pela legitimação moral e ideológica do conteúdo proposto para o fortalecimento da adesão pública. Para além dos argumentos credenciais, Bolsonaro procura articular a crença no uso do fármaco aos princípios e valores consoantes aos grupos (neo)conservadores que o apóiam. De acordo com os argumentos legitimadores fundamentados por um posicionamento político de extrema direita, são as forças da esquerda - mundialmente representadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e nacionalmente encarnadas no Partido dos Trabalhadores (PT) - que seriam contrárias ao uso do medicamento com o objetivo de criar o caos e a desordem social.

Desta forma, em 21 de maio, denuncia que “[n]o dia de ontem, senadores do PT, questionaram o protocolo da Cloroquina no TCU, ou seja, tentam impedir seu uso na rede pública. [...] O PT não quer que os mais pobres, que procuram o SUS, tenham o direito de tentar a salvação via Cloroquina”¹⁷. Algumas semanas depois, em uma postagem compartilhada em 08 de junho, ao veicular a notícia de que a OMS havia pedido desculpas pela hidroxicloroquina e concluído que pacientes assintomáticos não têm potencial de infectar outras pessoas, Bolsonaro declarou: “Milhões ficaram trancados em casa, perderam seus empregos e afetaram negativamente a Economia”¹⁸.

¹⁷ Disponível em: <https://bit.ly/2RAMST3>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

¹⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3knTHnl>. Acesso em: 11 de setembro de 2020.

Nesta lógica, as diferenças ideológicas e os valores morais como partes do sistema de crenças e representações dos sujeitos a quem os enunciados são endereçados se constituem como argumentos legitimadores que estão para além dos elementos credenciais na ordem do *ethos*, ou seja, a retórica que o presidente faz circular nas redes digitais “mantém-se consoante ao que se apresenta caro à sociedade que pretende conquistar” (Dittrich, 2009, p.68).

No entanto, conforme argumenta Dittrich (2009), nem sempre o sucesso de uma argumentação se apoia na razoabilidade técnica. Afinal, “o conhecimento e a exploração retórica dos fatores sociais e culturais envolvidos podem assumir, portanto, maior importância que uma sólida base científica” (DITTRICH, 2009, p.74). Como um produto da cultura contemporânea, que contesta a insuficiência do observador externo e afirma o corpo da testemunha como instância epistemológica produtora do conhecimento, a retórica bolsonarista em defesa do uso da hidroxicloroquina no tratamento da COVID-19 se vale de uma terceira forma de argumentação ética. Embora a posição privilegiada de poder que o presidente ocupa e a visão de mundo que legitima a sua retórica produzam efeitos de verdade, Bolsonaro recorre aos argumentos experienciais - as suas vivências pessoais, assim como aos testemunhos de médicos que recomendam o medicamento e de pacientes curados de COVID-19 - como meios para a produção das evidências que o método científico não lhe fornece.

No mesmo dia que concede entrevista anunciando o diagnóstico positivo para o novo coronavírus, em 07 de julho, Bolsonaro posta em sua página no Facebook um vídeo de 45 segundos com a seguinte legenda: “Eu tomei a Hidroxicloroquina e estou me sentindo muito bem. Uma boa tarde a todos”¹⁹. No vídeo - assistido mais de 7.200.000 vezes e curtido por 581.000 pessoas²⁰ -, o presidente toma um comprimido da droga e relata: “Bem, estou tomando aqui a terceira dose da hidroxocloroquina (sic). Hahahaha... Tô me sentindo muito bem. Estava mais ou menos domingo, mal segunda-feira, hoje, terça, tô muito melhor do que sábado. Então, com toda certeza está dando certo”.

¹⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3hsFOMc>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

²⁰ Dados de 11 de setembro de 2020

Embora a retórica que o presidente faz circular nas redes sociais digitais reconheça que “nenhum [remédio] tem a sua eficácia cientificamente comprovada [no combate ao coronavírus]”, ao testemunhar, no vídeo postado em 07 de julho, ser “mais uma pessoa que está dando certo. Então, eu confio na hidroxiquina. E você? Valeu, támo junto”, Bolsonaro sobrepõe a sua experiência pessoal com a doença à produção do conhecimento pelo método científico. Em outras palavras, o corpo curado do presidente pela hidroxiquina se apresenta como o *ethos testemunhal* (SACRAMENTO; BORGES, 2017) da sua retórica e, portanto, reafirma a epistemologia do ponto de vista ao sugerir que “o conhecimento produzido na, e pela, experimentação direta do sujeito cognoscente é superior ao conhecimento produzido através do distanciamento metodológico” (OLIVEIRA, 2020, p. 83).

O tratamento medicamentoso do presidente com a hidroxiquina é, então, midiático em sua página no Facebook como evidência da eficácia da droga no tratamento da COVID-19. Neste sentido, Bolsonaro passa a postar fotos cotidianas do seu isolamento no Palácio da Alvorada. Em 08 de julho, brinda o sucesso do seu tratamento com uma xícara de café e declara: “Aos que torcem contra a Hidroxiquina, mas não apresentam alternativas, lamento informar que estou muito bem com seu uso e, com a graça de Deus, viverei ainda por muito tempo”²¹.

Após 18 dias do primeiro teste positivo para a COVID-19, Bolsonaro compartilhou em sua página no Facebook que o resultado do quarto exame que se submeteu para identificar a doença causada pelo novo coronavírus deu negativo: “RT-PCR para Sars-Cov 2: negativo. BOM DIA A TODOS”²². No sentido contrário ao que o discurso científico afirma, ao posar exibindo uma caixa de hidroxiquina em uma cotidiana cena matinal na qual é fotografado tomando café da manhã, Bolsonaro se apresenta como a materialização da eficácia do medicamento na cura do novo coronavírus. Deste modo, os relatos sobre o adoecimento do presidente brasileiro pelo coronavírus e a sua subsequente cura pela hidroxiquina são midiáticos com evidências da eficácia do medicamento.

²¹ Disponível em: <https://bit.ly/3mqf3CA>. Acesso em: 11 de setembro de 2020.

²² Disponível em: <https://bit.ly/2FGpReK>. Acesso em: 28 de julho de 2020.



Aqui, a argumentação experiencial está dada, certamente, pelo adoecimento. Mas, antes, Bolsonaro insistia que era seu dever como presidente buscar uma aplicação rápida para crise e que, mesmo sem evidências científicas seguras, havia indicações de que a hidroxicloroquina poderia salvar muitas vidas em uso profilático, para evitar a infecção, e terapêutico, para o tratamento da infecção em casos brancos ou graves de manifestações da doença. Ou seja, Bolsonaro se apoiou, primeiramente, na sua credencial como presidente para argumentar que estava, ao seu modo, lutando a favor da vida. Afirma que o uso da hidroxicloroquina traria paz, segurança e saúde para a população brasileira e ajudaria a superar a crise econômica e sanitária colocada pela pandemia. São bases dos argumentos legitimadores em favor uso do medicamento para Bolsonaro: o restabelecimento da ordem e da segurança, da proteção contra o vírus e do combate à ideologização do cuidado com a saúde. Afinal, em sua argumentação, eram as forças da esquerda, mundialmente, representada pela OMS, e, nacionalmente, encarnada no PT, que estariam contrários ao uso do medicamento.

A argumentação é simples: se tais instituições são contra o uso, o presidente, amplamente identificado com a extrema direita, se colocava a favor. Sob esse mesmo espírito, mesmo sem fundamentação científica, baseada na sua autoridade como presidente, ordenou a produção de número enorme de unidades do medicamento. Afinal, segundo ele, mesmo sem consenso, era uma esperança, uma saída para a crise. E, mais do que isso, a falta de consenso científico era mais dada pela vontade intrínseca de criar o caos e a desordem, que seria plenamente associada às esquerdas. Nessa argumentação, soma-se com o adoecimento do presidente pelo vírus uma retórica experiencial: ele teria sido salvo pela hidroxicloroquina, como fez questão de postar em sua página de Facebook.

Na próxima seção, analisaremos a argumentação dos médicos Roberto Kail e Nise Yamaguchi na defesa do medicamento.

4. A experiência *como* e *com* um paciente

Em entrevista ao programa Conexão Repórter, canal do SBT, do dia 13 de julho, a pesquisadora e médica Nise Yamaguchi, principal defensora do uso da hidroxicloroquina no tratamento ao coronavírus, fala com exclusividade sobre os motivos que a levou a ser afastada do Hospital israelita Albert Einstein, uma das referências em pesquisa e tratamento em saúde no país. Os argumentos relacionados ao motivo do afastamento não é o foco desta análise, que procurou se concentrar como entrevistador e entrevistada enunciam argumentos legitimadores e credenciadores na defesa do uso do medicamento hidroxicloroquina.

A entrevista com a médica Nise Yamaguchi é articulada do começo ao fim do programa com a declaração de outros profissionais, tornando-se a condutora dos temas destacados no programa. Na apresentação da entrevista, o apresentador e entrevistador diz em voz *off* coberta pela imagem da médica feita durante a entrevista: “esta é a doutora Nise Yamaguchi, 61 anos, graduada pela faculdade de medicina da USP, que também é imunologista e oncologista”. Em seguida, surge o depoimento dela dado em entrevista: “Eu trabalho no Hospital Albert Einstein há 35 anos na oncologia e imunologia”²³. Nota-se que na apresentação do personagem foram acionados argumentos que credencia a médica Nísia Yamagushi. Ela tem uma formação regular numa das principais universidades do país e tem uma trajetória de 35 anos num dos principais hospitais brasileiros, revelando o componente experiencial marcador de legitimação.

No entanto, a médica se posiciona contra uma decisão recomendada pela OMS e a comunidade científica internacional quanto ao uso da hidroxicloroquina no tratamento da COVID-19. Num dado momento da entrevista, o entrevistador em *off* destaca: “Ardorosa defensora do uso da hidroxicloroquina contra o vírus, ela ficou na contramão do pensamento dominante da comunidade científica, que não reconhece a existência de provas de sua eficácia”²⁴. A partir de então, ao pontuar outros órgãos credenciados no campo da ciência, nota-se que a médica procura se respaldar

²³ Disponível em: <https://bit.ly/2FK5vBi>. Acesso em: 18 julho de 2020

²⁴ Idem.

no decorrer da entrevista não somente pela sua credencial, mas se baseia pelos valores éticos e morais da sociedade e dos princípios da medicina na necessidade de se fazer uso do medicamento. Quanto ao uso da hidroxicloroquina, ela enuncia: “a minha posição em defesa da hidroxicloroquina é em defesa da vida, não é de um medicamento”²⁵. Ao longo da entrevista, a médica destaca as controvérsias científicas em defesa de sua posição a favor do medicamento no tratamento à infecção pelo novo coronavírus, mas procura se guiar nos argumentos fortemente relacionados aos princípios da medicina. Nos momentos finais da entrevista declara: “meus verdadeiros objetivos são: curar as pessoas enquanto nós pudermos curar, paliar aquelas que nós não pudermos”²⁶. Na sequência, ela reforça um outro aspecto da ética médica diante da COVID-19, doença pela qual ainda não há tratamento e vacina: “Essa é a base da medicina. É a arte de fazer medicina. É você entender o que o paciente precisa, o que você tem disponível e no mercado você tem que buscar”²⁷.

Por que a fala de Yamaguchi é testemunhal? Embora ela procure se valer da legitimidade cultural conferida à medicina para se configurar como uma fala autorizada sobre saúde na sociedade, é interessante pontuar que suas argumentações deslizam, ao longo da matéria, das credenciais para a experiência pessoal na clínica. Yamaguchi não participava de nenhuma pesquisa clínica sobre a eficácia da hidroxicloroquina ou coordenava qualquer estudo sobre o tema. Seu argumento está baseado na sua experiência pessoal clínica, com os pacientes, com a observação de casos particulares, sem o rigor de uma pesquisa científica, mas baseado no êxito particularizado, circunstancial e pontual, que ela mesma relata a partir de sua experiência. Além de sua experiência pessoal na prática médica e do seu relato, nenhuma evidência científica fora apresentada. Suas menções a estudos e pesquisas acadêmicos são vagas e imprecisas. Essa é uma postura que se choca com o movimento da medicina baseada em evidência, cujo princípio básico é orientar a prática médica pela pesquisa científica (GOMES, 2001), mas faz de outra forma: a evidência é sua própria experiência e a legitimidade do que

²⁵ Idem.

²⁶ Idem.

²⁷ Idem.

fala está no fato de ser médica, mas também no que ela defende político-ideologicamente. Mesmo que tenha sido ventilada a possibilidade de assumir o Ministério da Saúde, durante a crise deflagrada entre o presente da República e o então ministro Mandetta, ela fora “escanteada pelo governo”, apesar de ser recorrentemente reconhecida como uma “defensora da cloroquina”.²⁸

A médica Nise Yamaguchi declarou na entrevista analisada no estudo que não é alinhada ao governo Bolsonaro, mas sua grande visibilidade se deve ao ser uma referência utilizada pelo presidente para credenciar e legitimar o uso que ele faz da cloroquina. Assim como faz também com o médico cardiologista do Hospital Sírio Libanês, Roberto Kalil Filho, que foi infectado pelo vírus e fez uso da cloroquina como tratamento. Pela citação frequente do Bolsonaro ao médico, em entrevista à *Folha de S. Paulo*, o médico chega a ser questionado se é garoto propaganda do Presidente. Kalil responde acionando o valor ético em defesa da vida ao se referir ao uso da cloroquina: “Não sou garoto propaganda de nada, sou garoto propaganda do que salva vidas”.²⁹

Assim como Yamaguchi, em entrevista no dia 08 de abril à *Rádio Jovem Pan*, o médico se ancora à ética médica para justificar a escolha por um tratamento com a cloroquina. De acordo com o médico, a escolha por esse tratamento foi por estar em estágio avançado de pneumonia e feita em comum acordo entre o médico e ele, paciente, numa avaliação individual. Kalil opta em não detalhar o tratamento durante a entrevista para não influenciar uma suposta automedicação, mas reforça que o uso da medicação feita é acompanhado com outros remédios. Durante a entrevista é reforçado o uso da cloroquina pelo argumento ético de que é possível salvar vidas num momento em que não há tratamento seguro para tal.

O argumento de Kalil se constrói pelos referenciais credenciadores e legitimadores, pelo fato de ser um médico renomado e acionar os princípios éticos pela manutenção da vida, mas também por um argumento experiencial. Ele procura fortalecer a legitimidade do seu argumento, como na seguinte resposta dada aos entrevistadores em relação à defesa do uso do

²⁸ Disponível em: <https://glo.bo/2Llo389>. Acesso em: 17 de dezembro de 2020.

²⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3iMH7hr>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

medicamento: “Na minha opinião como médico é o seguinte, e como paciente, independente das ideologias, o que nós temos que procurar é minimizar os danos à população, você concorda? E simplesmente evitar mortes”³⁰. No final da entrevista, ele reforça os três elementos que legitimam seu discurso, mesmo ponderando que não é infectologista, pois a comunidade científica de infectologia brasileira e do mundo não recomendam o uso da cloroquina: “não sou infectologista, sou um médico, sou um ser humano, sou um paciente. Essa é a minha visão sobre os medicamentos utilizados para tratar esse vírus”³¹.

Os argumentos da médica Nise Yamagushi e do médico Roberto Kalil Filho são respaldados pelas noções de caráter ético, como a defesa da vida e a ética médica, para se fazerem legítimos nas narrativas midiáticas que envolvem o uso da hidroxicloroquina. O argumento experiencial está sub-repticiamente no testemunho de Yamaguchi, quando ela enuncia que trabalha há 35 anos no hospital e por isso tem uma longa vivência na unidade e no campo da medicina. No entanto, o argumento experiencial como legitimador dos argumentos é mais evidente no testemunho do médico Roberto Kalil Filho, por ter sido infectado pelo COVID-19 e ter experimentado o tratamento com a cloroquina e outros medicamentos.

Considerações finais

O discurso público sobre questões científicas controversas parece estar se aprofundando cada vez mais em uma posição em que menos importa a veracidade das alegações do que a possibilidade de se concordar com elas. Se não há verdade objetiva, então ninguém pode falar a verdade ao poder; nesse caso, a busca pela verdade foi substituída pela crença em determinadas opiniões como absoluta verdade. Estamos em uma era em que o conceito de verdade é usado de maneiras que não mais se alinham com o que a verdade tradicionalmente tem significado. E em uma situação onde a verdade objetiva não é mais algo que nos esforçamos para alcançar, e se sabemos que todos os lados do espectro político estão engajados em produzir sua própria verdade,

³⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2ZDDRNO>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

³¹ Idem.



então faz todo o sentido se alinhar com as verdades que consideramos mais receptivas para um sistema de valores e crenças particular. Dito de outra forma, se os níveis de confiança nas instituições diminuíram a ponto de agora se assumir que todos estão mentindo (embora não se observe que, se não há verdade, não há mentiras), então aceitar a narrativa que se encaixa melhor com a visão de mundo de alguém parece fazer todo o sentido.

A negação do procedimento científico através da sobreposição da vivência e do testemunho à mediação metodológica não é algo isolado na economia discursiva do governo chefiado por Jair Bolsonaro. Além da defesa da hidroxicloroquina, temos inúmeros outros exemplos disso, como na negação das mudanças climáticas, das queimadas e da eficácia das vacinas. Longe de simplesmente negar a ciência, a retórica bolsonarista ao mesmo tempo que acena para o reconhecimento das credenciais e da legitimidade dos atores e das formas de produção de conhecimento historicamente mediadas pelos procedimentos científicos, elege os testemunhos do próprio presidente curado da COVID-19, assim como de médicos³² e pacientes³³ que também ficaram doentes como autoridades de uma ordem superior na disputa pela verdade em torno do uso da (hidroxi)cloroquina. Bolsonaro não está isolado em seu gesto. Como analisamos ao longo deste artigo, a hipervalorização das vivências e do testemunho é parte da radicalização de um regime epistemológico que tem se articulado sob a forma acelerada de circulação de informações e de opiniões como garantias de liberdade de expressão.

Os argumentos de Bolsonaro em defesa da hidroxicloroquina dissolvem o desconhecido confortavelmente em conhecido. Depois de doente e curado, passou a valorizar ainda mais a experiência vivida como uma forma de autoridade ou especialização sobre a doença e sua forma de tratamento. Como nas fotos publicadas por ele em seu perfil no Facebook, em inúmeras vezes ele se apresentou como *garoto-propaganda* do medicamento. Diante das controvérsias entre a medicina clínica e a pesquisa científica, o presidente se apropria de médicos com a experiência clínica a favor da cloroquina, como a

³² <https://www.facebook.com/211857482296579/posts/1851221605026817/>

³³ <https://www.facebook.com/211857482296579/posts/1837565543059090/>

médica Nise Yamaguchi e o médico Roberto Kalil, que se configuram como corpos-testemunho credenciadores e legitimadores da verdade das suas experiências com o uso do medicamento. Kalil, por exemplo, lança mão do fato de ter usado o medicamento em si mesmo, quando doente, para argumentar em favor dele: a experiência se torna a evidência fundamental da verdade relatada, ignorando a pesquisa científica ou colocando-a em dúvida por conta da experiência vivida como a verdade sentida no próprio corpo. Neste caso, se encaixa a defesa do uso daquele medicamento: o testemunho, aqui, é uma forma de legitimar um sistema de crença que tem opinião e não a verdade científica como forma de ação. É muito diferente dos usos dos testemunhos e das experiências pessoais como forma de desafiar e contestar o poder hegemônico instituído. Aqui, aparece como uma maneira de resistir e negar a ciência, instaurando a opinião pessoal de alguns líderes políticos como a verdade a ser seguida.

Referências bibliográficas

AMOSSY, R. Da noção de retórica de ethos à análise do discurso. In: _____. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008, p.9-28.

ARENDDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Edições Ediouro, 1966.

BOURDIEU, P. *Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard, 1982.

DE OLIVEIRA, T. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. *Revista Fronteiras (online)*, v. 22, p. 21-35, 2020.

DITTRICH, I. J. Ampliando a noção de ethos: argumentos credenciadores e legitimadores. In: LOPES, Fernanda Lima e SACRAMENTO, Igor (orgs.). *Retórica e Mídia: estudos ibero-brasileiros*. Florianópolis: Insular, 2009, p. 65-89.

FUKUYAMA, Francis. *Identity: the demand for dignity and the politics of resentment*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2018.

GOMES, M. M. *Medicina baseada em evidências: princípios e práticas*. Rio de Janeiro: Editora Reichmann & Affonso, 2001.

OLIVEIRA, R. P. O negacionismo científico olavista: a radicalização de um certo regime epistemológico. In: KLEM, Bruna Stuz; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei (orgs.). *Do Fake ao Fato: (des)atualizando Bolsonaro*. Vitória, ES: Mil Fontes, 2020, p. 81-100.

RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I. *Televisão e memória: entre testemunhos e confissões*. Rio de Janeiro: MauadX, 2020.

SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo/Belo Horizonte: Companhia das Letras/Ed. UFMG, 2007.

SACRAMENTO, I. A era da testemunha: uma história do presente.  Revista Brasileira de História da Mídia, v. 7., no. 1, p.125-140, 2018.

SACRAMENTO, I.; BORGES, W. C. Confiança e sinceridade numa enunciação midiaticizada: o ethos testemunhal de Fábio Assunção e o abuso de drogas. In:

OLÍMPIO-FERREIRA, M.; GRÁCIO, R. A. (orgs.). *Retórica e comunicação multidimensional*. Coimbra: Grácio Editor, 2017, p. 65-88.

WIEVIORKA, A. *L'ère du témoin*. Paris: Hachette Littératures, 1998.

Recebido em 22/12/2020

Aprovado em 29/12/2020

0023